



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



A HISTÓRIA DO ANÃO REFILÃO

Por ANÃO SABICHÃO

Vergonha é confessá-lo mas, na família dos anões, também aparecem, de vez em quando, ovelhas ranhosas!

Quero eu dizer que, nem todos os anõesinhos são simpáticos, alegres e benfazejos... Quando eu vivia, na floresta, um houve de que lhes vou contar a estranha história, para vocês verem bem o mau fim dos ambiciosos, que querem ser o que não são.

Aquêle meu companheiro não se resignava a ter nascido assim pequenino e andava sempre tão descontente que, em lugar de boca risonha na carantonha, tinha boca tristonha na carantonha!

Enquanto os outros gnómos — (assim somos também conhecidos) — brincavam, riam, folgavam, este chorava, praguejava, barafustava, tão arrelento, tão quizilento, que até lhe tinham dado o nome de Anão Refilão!

A sua mania era ser maior que as montanhas, temido como as feras, possante como o mar, e, como se achava um

migalho de gente, resolveu ir ter com um mágico para ver se êle o podia transformar num gigantão tamanhão.

Encavalitou-se numa borboleta, atravessou prados e rios, até que chegou á caverna, onde morava o famoso mágico.

O Anão Refilão, logo lhe berrou:

O senhor mágico,
olhe-me um instante!
Eu quero ficar
tal qual um gigante!



—Sempre és muito caprichoso, dez reis de gente! Então não estás bem, como estás? — resmungou o mágico, aborrecido.

Eu não quero ser
Anão Refilão!
Convinha-me mais
ser um gigantão!

Tornou o teimoso anãosinho.

— Já te disse que não estou para te aturar! — e vai o mágico, enfadado, atirou com o anão para a horta que cercava a caverna.

Daí a tempos, quando estava a comer uma pratada de ervilhas, de dentro duma delas saiu o quizilento Anão Refilão que lhe gritou:

O' senhor mágico,
olhe-me, um instante!
Eu quero ficar
tal qual um gigante!

— Se já viram o mafarrico!

Nem sequer posso comer descansado! — E zás!... Numa fúria, atirou o anão para dentro dum pço.

No dia seguinte, no copo por onde bebia, o mágico, viu o Anão Refilão a boiar na água e sempre a gritar:

O que me convém
é ser gigantão!
Já não quero ser,
Anão Refilão!

— E' pior que a praga, o maldito! — exclamou o mágico, dando um tal piparote no anão que este ficou pendurado no cimo dum pinheiro, muito altaneiro.

Certa noite, quando o mágico se aquecia numa fogueira de rama de pinheiro, o anãosinho apareceu-lhe entre as chamas, dizendo mais uma vez:

Convinha-me mais
ser um gigantão!

— O demónio do anão! Vais vêr se agora não me livro de ti! — e o mágico, furioso, arremessou o Anão Refilão ao mar.

De manhãzinha, ao almoço, estava o mágico saboreando



um belo arroz de ameijoas, surgiu o endiabrado anãosinho mais o seu estribilho:

O' senhor mágico
olhe-me, um instante!
Eu quero ficar
tal qual um gigante!

Apavorado com aquela perseguição, o mágico berrou, interrompendo-o:

Faço-te isso já
O', lá, ri, lá, lá!

Muito mal humorado, num arremesso, pespegou com o anão em terra e passou, por cima dele, um cilindro de de aplanar as ruas.

O anãosinho foi esticando, esticando, e tornou-se mais espalmadinho, mais achatadinho e mais delgadinho que uma folha.

Assim que apareceu na floresta, foi um sucesso!

Tódos nós, irmãos anões, nos rimos a perder, ao vêr aquele fantasma, tão comprido, tão esguio e, numa troça pegada, nunca mais o largámos.

Sem dó, nem piedade, — o que também não foi lá muito bonito da nossa parte! — gritamos-lhe, assim:

Passaste de anão
a paspalhão!
Foi esse o castigo
da tua ambição!

Desconsolado, desiludido, certo dia, o Anão Refilão deixou-se levar pelo vento que soprava rijo, e nunca mais se ouviu falar naquele ambicioso que tudo perdera, porque tudo quiz.

■ F I M ■

O GRÃO DE CENTEIO

Por HALCYONE
Desenhos de A. CASTAÑE

Perdendo de vista, um dia, o meu Joãozinho, num passeio que demos á nossa propriedade, inquietei-me bastante; assaltaram-me idéas tétricas: — teria êle caído no tanque? Teria sido apanhado pela roda da azenha da quinta vizinha, em que êle tanto se deleitava, observando-a?

Quando essas interrogações amargas, faziam com que eu, inquieta, o procurasse por toda a parte, vai, senão quando, o vejo, pacata e sossegadamente, deitado no chão, a distância, como que absorvido na descoberta dalguma coisa que muito o interessava.

Pensei que estava no entretém tão próprio dos rapazes de apanhar um grilo. Mas não.

Vou junto dêle e vejo-o com a sua cabecita loura inclinada, sem perder de vista, um momento sequer, qualquer coisa que muito o preocupava.

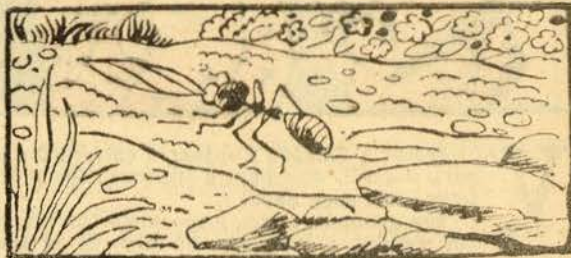
Era um grão de centeio, que, levado por uma pequena formiga, parecia caminhar só por si.

Sem se atrever, sequer, a respirar, para não interromper a marcha, parecia que a sua vida estava toda concentrada nos grandes olhos azuis, desmedidamente abertos, dos quais, de vez em quando, desviava um rebelde caracol, que o vento teimava em lhe pôr diante dos olhos. Nêles se via um relâmpago de júbilo, cada vez que a formiga saltava um obstáculo, e uma sombra de tristeza e desalento, sempre que outro lhe surgia.

Eu que o seguia, a curta distância, não lhe dizia uma palavra, e êle parecia que nem dava por mim. No entanto, depois duns segundos, empregados indubitavelmente numa infrutífera exploração, ergueu-se, e diz-me com a satisfação daquêle que, finalmente, faz uma descoberta:

— «Já sei para onde vai, — (e estendeu o indicador da sua mãozinha, apontando para longe: — é para ali!».

Para se compreender o entusiasmo do meu Joãozinho, basta considerar que aquêla empreitada era obra de titans; basta pensar que o grão de centeio era quatro vezes maior que o corpo da formiga; que o celeiro estava longe e que



em toda a extensão, que a vista alcançava, não se distinguia outra formiga que a viesse ajudar.

A fadiga muitas vezes fazia parar a marcha; outras vezes bastava a ondulação que o tacão duma bota tinha produzido no terreno húmido, para que se houvesse formado uma barreira, que só a engenhosa paciência desta pequena obreira, era capaz de vencer.

Momentos havia em que forçada a abandonar a sua pesada carga, caía num precipício de pouca profundidade, mas o activo bichinho nunca desanimava.

A curta distância donde estávamos, a incerta linha traçada por um regueiro de formigas marcava o ponto a que se dirigia.

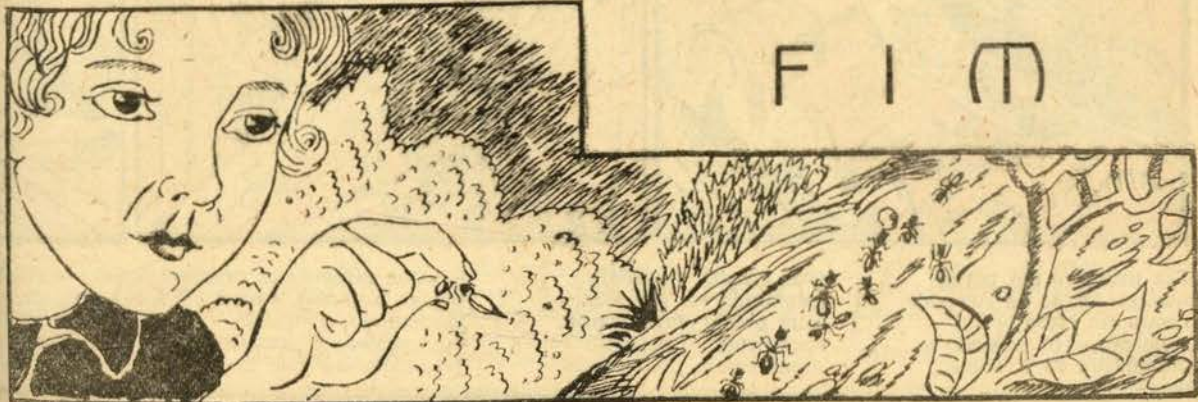
— «Mas que pensas fazer?» — Preguntei-lhe.

— «Ajudá-la!» respondeu em tom resolutivo.

E sem dar tempo a que lhe fizesse a mais pequena observação, levantou cuidadosamente a sua protegida com dois dedos. Esta, assustada, a princípio parecia querer fugir, mas o seu clarividente instinto fez-lhe compreender que nada de hostil tinha a inesperada interferência, limitando-se a cravar, com mais força, as antenas no grão.

Quando chegou ao formigueiro, a preciosa carga, empurrada por um enxame de obreiras, perdeu-se na profundidade do pequeno orifício, que servia de pórtico áquella cidadeja.

F I M





A BARRACA DOS FANTOCHES

Por J. F. S.
Desenhos de A. CASTAÑE

coisas interessantes eu faria; coisas novas que espantariam os espectadores!

Uma noite, teve José a surpresa de encontrar a barraca fechada. Todos os divertimentos da feira funcionavam; só os fantoches haviam paralisado. Os espectadores habituais retiravam-se ao ver aquela solidão.

O pequeno esperou uns minutos que da barraca surgissem os donos. Não aparecendo ninguém, entreabriu a medo as cortinas que serviam de entrada à barraca e espreitou para dentro.

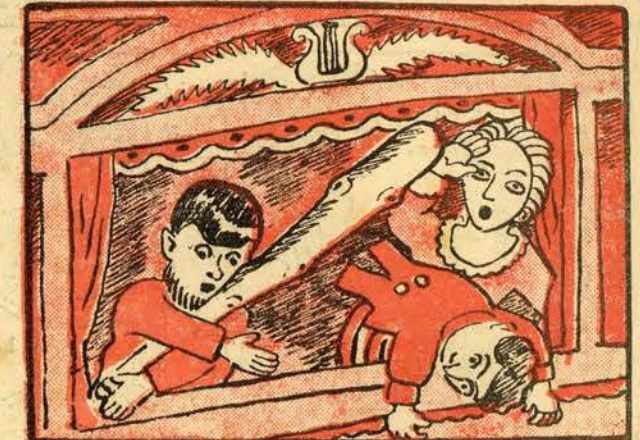
A frouxa luz dum candieiro de petróleo, José divisou o dono da barraca sentado junto de sua mulher. Ambos velavam o filho deitado, a gemer, sobre uma velhíssima enxerga.

A dona dos fantoches conheceu o pequeno, e, como este fôsse a retirar-se, chamou-o:

— Quere alguma coisa?
— Vinha saber se hoje não há espectáculo.
— Como há-de haver, menino? O meu filho está muito mal e só êle sabe trabalhar com os fantoches... Bastante perdemos com isso. Só Deus o sabe. As últimas noites foram más, estamos sem cinco réis. O meu filho vai morrer, sem médico nem remédios...

José ficou pensativo. No seu cérebro germinava uma idéa. Sem dar tempo a que o seu pensamento se perdesse, sujeitando-o ao raciocínio, respondeu:

— Senhora Elvira, se quiser eu arranjo tudo.
— O menino?
— Sim, eu. Trabalharei esta noite com os fantoches, e garanto-lhe que os não deixarei ficar mal.
— Com um sorriso, a boa mulher replicou:
— Muito obrigada, mas não pode ser. O menino é muito novo, não conhece a maneira de trabalhar com os bonecos. Aquilo obriga a muito fôlego e é preciso prática.



— Deixe-me trabalhar — voltou o José entusiasmado e convicto — eu aprendi a mexer nos «artistas» vendo seu filho, e tenho coisas novas para representar.

O marido interveio:
— Porque não havemos de consentir? Talvez o pequeno se saia bem da idéa...

Dentro de minutos, o doente era conduzido para outra divisão da barraca, a luz acendia-se, os músicos tocavam a sua «peça» de sempre e os bonecos anunciavam cá fóra o espectáculo, movidos pelas mãos do José, falando pela sua boca por meio de «ditos» e graças inéditas, arrancando gargalhadas aos espectadores e fazendo delirar de gôso os garotos ricos e pobres que não tardaram a encher todos os lugares da «sala do teatro».

Foi novo o espectáculo. Aproveitando os «artistas da companhia», entre os quais figurava até uma figura histórica, o nosso herói realizou, — enfim! — os enredos e as farças que durante meses sonhara... Choveram aplausos e recrudesceram, atingindo o delírio, quando, ao finalizar, o «empresário» puxou José do alçapão, onde fizera falar os «actores», explicando o que se passára. Sobre o palco caíram moedas e notas: crianças, homens, mulheres, juntavam ao preço da entrada aqueles óbulos para o



(Continua na pagina 7)

VAI começar a função! E entrar, é entrar! Um vintém para a geral, dois para a superior! Quem não tem cabeça não paga nada.

Era gritando, assim, junto duma barraca armada em madeira e lona, que, há cerca de 30 anos, um homem anunciava na feira uma representação de fantoches.

Os bonecos estavam ainda no seu «casinhoto», dansando e pulando grotescamente, ao som da música tocada por três «maestros». Depois, bonecos, músicos e homem recolheram à barraca. Ia iniciar-se o espectáculo.

Todos os dias se repetia esta cena e todos os dias a acompanhava o pequeno José.

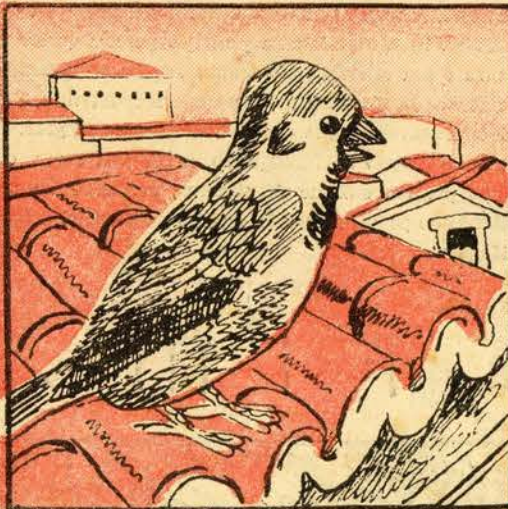
Filho de gente pobre, o garoto não conhecia outro divertimento, e, amigo como era de observar coisas curiosas, sentia-se atraído para os fantoches. Ao mesmo tempo simpatizava com os donos da barraca — mulher, marido e filho.

Por seu turno, êles, à força de verem o garoto defronte da barraca, sempre na primeira fila, rindo com as momices dos «actores» e fazendo uma grande propaganda do espectáculo entre os assistentes acabaram por simpatizar também com o José, dando-lhe acesso grátis e permanente às representações.

Na alma do pequeno existia uma tendência especial para actor dramático, e, assim, quando recolhia a casa, compunha no seu cérebro cenas inéditas para os fantoches.

— Se me deixassem trabalhar com êles — pensava — que

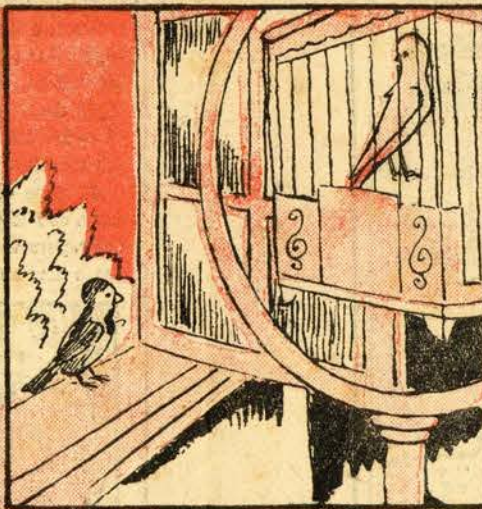
O P A R D A L E O C A N Á R I O



Era uma vez um pardal que, ao tratar da sua vida, comia em certo beiral e dormia — (é natural) — numa filia da Avenida.



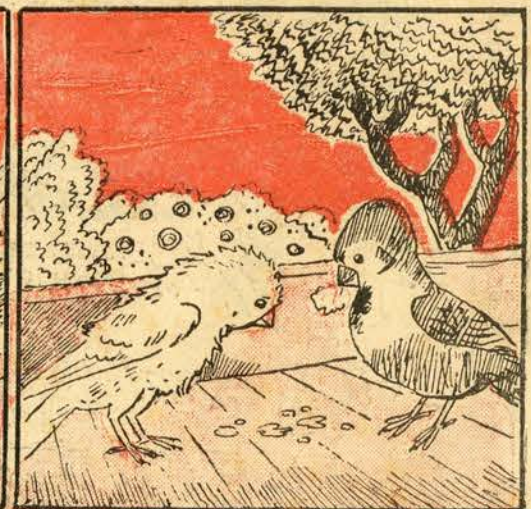
Ora, um dia, o pardalito, indaga o pardal, porém, num prédio muito bonito, encontrou, no poleirito duma gaiola, um canário,



— «Que fazes nesta prisão?» indaga o pardal. Porém, desdenhoso, o figurão, com vaidade e presunção, respondeu-lhe com desdém:



— «Como te atreves, pateta, a vir conversar comigo, se eu não te posso dar trêta?! Bem vê... Eu sou um poeta! Tu não passas dum mendigo.»



— Talvez! responde o pardal mas sou livre e tu cativo! cada um vale o que vale! E n desdenhar fazes mal, pois tu vegetas e eu vivo!»

— O canário ouvindo tal, pôs-se em fuga... Mas em vão buscou sustento; pois não nascera, como o pardal, para ganhar o seu pão.

E era, agora, o pardalito quem, perdoadando a inveja, socorria o pobre aflito. *Leitor, é grave delito desdenhar quem quer que seja!*

C
A
R
T
A

H
I
E
R
O
G
L
I
F
I
C
A

111 dos **EEE** Q prov
 -o +a m -DO || **CÔ** .
 a U ain -DO +GAR **UQ**
 a **i, ËB** **R** **K**
 +D^A INV 6 -B +F
W
 Che +t +d **A** **Q 51** **UU**
2 **CÔ** dois ti s. a **Bua** -A +I **DA**
 i i u a **U** 3L
 - Quem **EEE** -Bua a i?
 1 -N +V e des:
 - **Gm!**
 - **A!** - **EEE** -VE - -Z -A **me** **Ê** -T
 E tor a dei **10**

A BARRACA DOS FANTOCHES

(Conclusão da página 5)

doentinho. A música tocou um hino, e os espectadores saíram duas vezes alegres...

Ficaram na barraca os donos e o José. Aqueles contavam dinheiro apurado, e beijavam-no, chorando.

Nunca a colheita fôra tão grande! Espectáculo único! O filho ia curar-se...

— Boa noite, até amanhã. Desejo as melhoras do Augusto — disse o José, indo a retirar-se.

— Não vá ainda — ponderou o homem, evitando a retirada do seu amiguinho. — Receba isto; é uma lembrança, apenas — e pretendeu meter-lhe na mão algumas moedas de prata.

— Dinheiro? — disse, admirado o rapazinho. Guarde-o para o Augusto. Eu nada fiz que mereça recompensa.

— Então... qualquer outra coisa. Ficaremos zangados

se não aceitar uma lembrança. Prestou-nos um favor que nunca nos esquecerá. Deus fá-lo-há feliz, porque é bom.

— Se é assim... peço-lhe um fantoche.

— Só isso? — perguntou por sua vez a mulher. Sem delongá, escolheu entre a colecção o melhor dos «artistas».

— Esse não, prefiro aquele. E José indicou um boneco já retirado do «serviço» mas o único que lhe servia para outras exhibições architectadas por si.

Pretenderam dissuadi-lo, oferecendo-lhe o fantoche melhor ou a figura «histórica», mas o pequeno insistiu, acabando por levar o preferido. Com êle se divertiu bastante, tornando-o companheiro discreto das suas brincadeiras.

Ganhara-o bem!

A DIVINHA PARA OS MENINOS COLORIREM

SOLUÇÃO

elvas
Lamego
Faro
abRantes
beja
miranda
evora
portovila
leiria
santarém
guarda
tomar
miranda
barcelos

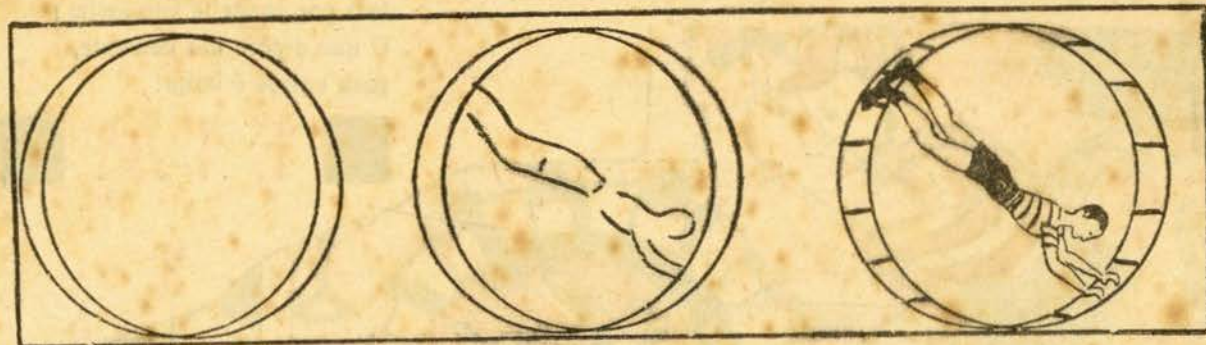


CHARADAS EM FRASE

SOLUÇÃO DAS ANTERIORES

1—Caneta. 2— Claraboia. 3— Alem-tejo.

LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um desportista num «Roura»

INTERPRETAÇÕES

POR LAURA CHAVES

Vou contar-lhes uma história passada numa vilória lá para as bandas do Minho. O Sior João Azevinho, honesto trabalhador, era mestre ferrador.

Tinha muita freguesia, tôdas as bestas, que havia por aquele povoado, calçavam do seu calçado. Eram boas, afamadas, em tôda a parte gabadas as ferraduras que punha, cobriam tão bem a unha que, cavalo assim ferrado, andava como um danado.

Aconteceu, certa vez, ter-se o burro do Garcez, desferrado duma pata. Já se vê que essa sucata, da ferradura perdida, lhe tinha sido vendida por um outro ferrador que, perto, num arredor lhe fazia concorrência com a maior impudência.

Quando o João Azevinho viu o pobre animalzinho

sôbre as patas tropicando, pé sim, pé não, tropeçando, berrou então: — Ora esta! Eu já sei quem foi a besta que ferrou a criatura! Que grande cavalgadura! Que trabalho tão malfeito! Digam-me lá se há direito de ferrar assim um burro! — acrescentando, casmurro, revoltado, cheio de asco: — Ia-lhe estragando o casco! — Depois, num gesto violento alçou a pata ao jumento e começou a ferrá-lo. — Vai ficar coisa de estalo, êste meu rico trabalho! — disse, levantando o malho sôbre a pata do animal.

Nisto, assomou ao portal, a filha do brasileiro fazendo enorme berreiro, a gritar ao ferrador: — Veja Sior João que amor! Veja-me esta ferradura que eu tive agora a ventura de encontrar ali, caída. Vai dar-me sorte na vida! Mando-a limpar e polir, verá que me há-de servir! E quando êle viu, então,



que a ferradura em questão era aquela que faltava nessa pata que ferrava, a rir, disse: Que ingresia! Julga que essa porcaria lhe pode dar bôa sina?! *Por qui vejo que a Menina deve muito bem saber de piano e de coser e de muitas coisas mais, mas, com respeito a alimais, a ferraduras e ao resto, não sabe nada, protesto! Se a ferradura, afinal, não serviu ao alimal, diga-me lá, mesmo aqui, como há-de servir-lhe a si?!*

.....
Esta história concludente tem por conceito isto assim: O que é para uns corrente, para outros é latim!

■ F I M ■

